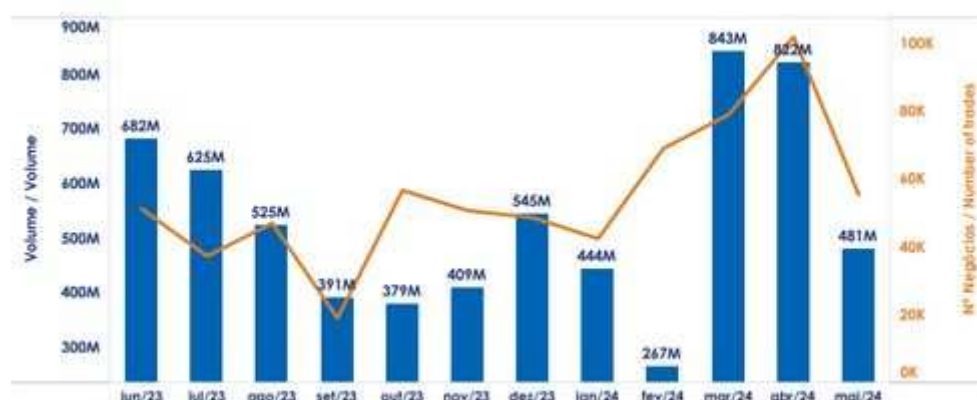


21/06/2024 17:34:27 - INVESTIMENTOS

ESPECIAL: MAIS INVESTIDORES, MAS MENOS VOLUME NEGOCIADO - O QUE ACONTECE COM OS BDRS DE ETF?

Por Bruna Camargo

São Paulo, 21/06/2024 - O número de investidores em BDRs de ETFs segue em crescimento, ainda que tímido, e beirou os 20 mil no último mês, conforme dados da B3. O volume negociado, no entanto, perdeu fôlego em maio - após um [pico com impulso de ativos específicos](#) - e ficou no patamar de R\$ 481 milhões, próximo ao que já vinha apresentando anteriormente (*tabela a seguir*). Então por que a conta não fecha? Com menos dinheiro dos bolsos de maior peso, segundo especialistas ouvidos pelo **Broadcast Investimentos**.



O boletim de BDRs de ETFs de maio da B3 mostra que há 19.568 investidores no produto, sendo a grande maioria (19.283) pessoas físicas. Mas tanto na participação em custódia quanto em volume negociado, são os investidores institucionais que se destacam, com 85% e 47%, respectivamente. E estes até diminuíram em 29 de um mês para o outro.

Acontece que um dos tipos de investidor de BDRs de ETF são os [fundos multimercado, que têm sofrido com resgates nos últimos meses](#). “Com essa saída de fluxo, é natural que eles precisem desinvestir em uma série de ativos, o que inclui os BDRs de ETF”, diz Cristiano Castro, diretor do segmento *wealth* da BlackRock Brasil. Ele observa até que, para esse tipo de produto, o efeito da saída de dinheiro é até menor quando comparado ao que ocorre em ativos como ações ou BDRs de empresas individuais. “Mas enquanto tivermos essa saída haverá estagnação [do volume]”, avalia.

April Reppy Suydam, líder da First Trust na América Latina, afirma que os dados da B3 não surpreendem, uma vez que já havia expectativa de que o programa de BDRs de ETFs fosse inicialmente mais utilizado por investidores institucionais, que “compram e seguram” ativos, enquanto o varejo é mais tático. Ela ainda acredita que pode haver muitos alocando diretamente no exterior. “Quem entrou foi a pessoa física, que tem participação de 6,5% no volume negociado. Aumentou o número de investidores, mas quem entrou tem tíquete menor”, diz também Flávio Vegas, especialista de produtos da Global X ETFs Brasil.

Para Vegas, a maior negociação nos meses anteriores veio de uma rotação de bolsas feita pelos gestores, saindo da local para a americana, dada a maior valorização por lá. Houve ainda um [apetite por renda fixa dos Estados Unidos](#), pela alta de juros no país, e por [criptomoedas](#), em meio à migração de carteiras de ativos individuais para cestas consolidadas, segundo Castro, da BlackRock. No caso de [destaque do IBIT39](#), especificamente, ele diz que se tratava de um tema em voga que causou a grande demanda, mas o executivo destaca o impulso dos BDRs de ETFs temáticos como um todo.

24/Jun/2024 10:48

“As pessoas têm mudado a abordagem para alocação de portfólio. Antigamente era o tradicional ‘vou comprar Estados Unidos’ ou ‘vou comprar renda fixa’. Hoje estão pensando quais são as estratégias que, daqui para frente, serão destaque, como computação em nuvem, [inteligência artificial](#), veículos e baterias elétricas, 5G ou semicondutores”, afirma Castro. E, como BDRs de ETFs, é possível disponibilizar ao investidor brasileiro temas antes “inimagináveis”, ele destaca.

A inteligência artificial também está entre as principais apostas da Global X ETFs, junto a temas “agregados”, como robótica, tecnologia de defesa, nuvem, cibersegurança e processamento de dados, segundo Vegas. “As pessoas começam com a exposição aos índices mais amplos, mas nós entramos quando o investidor está pronto para mudar o perfil de risco-retorno”, concorda Suydam, da First Trust, que menciona produtos de subsetores ou multifatores, por exemplo.

Otimismo inabalado

As gestoras não se deixam abalar pelos soluços que os BDRs de ETF têm enfrentado para se destacar na indústria de investimentos. No geral, a avaliação é que a aposta em educação financeira, a busca por instrumentos de baixo custo e uma melhora no apetite a risco vai impulsionar o produto.

Além disso, Castro, da BlackRock, acredita que, diante de um cenário de juros menores aqui, pode haver em breve uma migração de instrumentos incentivados locais para ativos internacionais. “À medida que os vencimentos começarem a chegar, o investidor vai encontrar taxas mais baixas e pensar em formas diferentes para alocar novamente. E, com a esperada queda de juros lá fora, há mais apetite para ativos de risco, que devem ‘andar’ um pouco mais”, diz o executivo, acrescentando que a pessoa física costuma ser motivada pelos resultados de curto prazo.

Em vista disso, as gestoras têm buscado melhorar suas prateleiras de produtos. [Neste mês, a BlackRock Brasil anunciou 10 novos BDRs de ETFs](#). Já Suydam, da First Trust, adianta que está [avaliando quais estratégias fazem sentido para lançamento no País](#).

Mas outro ponto que está no radar é a possibilidade de trazer BDRs com ETFs de gestão ativa, algo que a regulação ainda não permite, por entendê-lo como um fundo de índice. “Os investidores poderiam acessar muitas outras estratégias com ETFs ativos. A impossibilidade faz o brasileiro ver o produto como um modo passivo de investir dinheiro”, diz Felipe Amoedo, especialista de ETFs e criptoativos da HMC Capital, parceira da First Trust no Brasil. Segundo o executivo, há conversas com a B3 para apresentar essa via de evolução do mercado.

Contato: bruna.camargo@estadao.com